

TURISMO E PROSTITUIÇÃO NA COPA DO MUNDO: Enquadramentos midiáticos sobre turismo sexual

[TOURISM AND SEX WORK AT THE FIFA WORLD CUP: Media framing about sex tourism]

Natália Ledur Alles

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: A realização da Copa do Mundo da Fifa de 2014 no Brasil ampliou a atenção sobre a representação do país como destino de turistas em busca de relações sexuais, gerando posicionamentos governamentais e repercussão midiática. Embora seja defendido pelo movimento organizado de prostitutas como mais uma relação possível dentro do mercado do sexo, o turismo sexual é frequentemente associado à exploração sexual e ao tráfico de pessoas, o que reforça a vitimização dos sujeitos envolvidos nas relações com estrangeiros. Buscamos, neste artigo, identificar alguns enquadramentos jornalísticos sobre o tema durante o período da Copa do Mundo, com o interesse de refletir sobre como tais enquadramentos afetam a visibilização dos trabalhadores do sexo, grupo estigmatizado e marginalizado na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Enquadramentos midiáticos; Cidadania; Minorias; Prostituição; Turismo sexual.

Abstract: 2014 FIFA World Cup in Brazil has raised the discussion over the country representation as a destination to tourists searching for sexual relationships, generating government public positions and media attention. Although sex workers' organized movement defends sex tourism as one of sex market's possible relation, it is frequently associated to sexual exploitation and human traffic. This reinforces the victim's position of people involved in relationships with foreigners. We intend to identify in this article some of this issue media frames, leading to a reflection on how these frames affect sex workers' visibility enhancing their position as a stigmatized and marginalized group in Brazilian society.

Keywords: Media frames; Citizenship; Minorities; Sex work; Sex tourism.

INTRODUÇÃO: PROSTITUIÇÃO E MERCADO DO SEXO

A prostituição é um fenômeno essencialmente urbano que se dá com maior ou menor intensidade nas cidades brasileiras e que remete a representações hegemônicas de caráter negativo, vinculadas às ideias de submundo, de impureza, de devassidão. Margareth Rago (1991) defende que, em um sistema moralista que valoriza a união sexual monogâmica, a fidelidade feminina e a família heteronormativa, as sexualidades insubmissas, como a das prostitutas, são colocadas em um lugar marginalizado. Ao pensarmos sobre prostituição, encontramos explicações prontas e cristalizadas e lugares demarcados para cada personagem envolvido nestas relações. Através de argumentos morais, que pensam a prostituição como algo sujo e uma ameaça às famílias, de críticas à comercialização de serviços sexuais ou de denúncias sobre a opressão que a atividade engendra, os trabalhadores do sexo são uma categoria constantemente marginalizada desde o século XIX. Em inúmeros países, quando não correm o risco de ser criminalizados e presos, não possuem acesso a direitos trabalhistas, enfrentam patrulha religiosa, controle policial e sanitário e encontram dificuldades para assumir seu trabalho perante familiares e amigos. Os trabalhadores e trabalhadoras do sexo convivem cotidianamente com a invisibilidade pública, que, como descreve Fernando Braga da Costa (2004), faz com que desapareçam subjetivamente no meio dos outros e não encontrem possibilidades de dialogar ou de manifestar suas opiniões no que diz respeito a suas próprias vivências.

No Brasil, grupos e associações de prostitutas, juntamente com entidades colaboradoras, se reúnem na Rede Brasileira de Prostitutas para lutar pela defesa e promoção da cidadania e dos direitos humanos dos trabalhadores do sexo, buscando ampliar a visibilidade e o protagonismo desses sujeitos na sociedade. Atualmente, o movimento organizado de prostitutas pleiteia a afirmação de sua cidadania ao defender a regulamentação da prostituição como profissão, através do Projeto de Lei 4.211/2012, de autoria do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ).

Em um cenário em que trabalhadores do sexo não possuem seus direitos reconhecidos e são alvo de preconceito, marginalização e violência, novas legislações abolicionistas adotadas em outros países, e que pretendem proteger especialmente as mulheres da exploração sexual, vêm aprofundando a exclusão social destas pessoas. A associação entre prostituição, exploração sexual, tráfico de pessoas e turismo sexual reforça as representações hegemônicas que vitimizam ou culpabilizam as prostitutas. Neste artigo, buscamos refletir especificamente sobre a questão do turismo sexual, devido à visibilidade dada ao tema durante os preparativos do Brasil para receber a Copa do Mundo Fifa de 2014. Embora seja defendido pelo movimento organizado de prostitutas como mais uma relação possível dentro do mercado do sexo, o turismo sexual é frequentemente associado à exploração sexual e ao tráfico de pessoas, o que pode reforçar a vitimização dos sujeitos envolvidos nas relações com estrangeiros. Assim, pretendemos, neste trabalho, identificar alguns enquadramentos sobre o tema presentes na cobertura jornalística durante o período que antecedeu a Copa do Mundo. Para isso, foram selecionadas 32 matérias sobre turismo sexual publicadas entre janeiro e agosto de 2014 nos portais da internet de quatro periódicos com sede em cidades que receberam jogos da Copa¹: O Globo, do Rio de Janeiro (RJ), Folha de São Paulo, de São Paulo (SP), Folha de Pernambuco, de Recife (PE), e O Povo, de Fortaleza (CE). Buscamos analisar como a questão do turismo sexual é abordada nos textos e quem são as fontes consideradas referência para falar sobre o assunto. Interessamos perceber como a prostituição e os sujeitos implicados nestas relações aparecem nos enquadramentos sobre o turismo sexual.

Compreende-se nesta pesquisa que a produção comunicacional, ao tematizar o turismo sexual e, conseqüentemente, a prostituição, reforça os significados existentes e circulantes sobre o assunto, ou é capaz até mesmo de modificar ou criar novos significados para a atividade. Como coloca Tankard (2001), os enquadramentos propostos conseguem sugerir os problemas e os termos de um debate. Sem ignorar que os receptores interagem com os enquadramentos presentes nos textos para

¹ Embora tenham sido publicadas nos sites destes jornais, nem todas as matérias foram produzidas pelos mesmos. Na mostra existe a reprodução de uma matéria produzida pelo periódico britânico The Observer e outras que foram baseadas em textos da Agência Brasil.

estabelecer os significados para cada tema, acredita-se que a forma de estruturação das informações afeta os processos de compreensão (REESE, 2001). Assim, através da seleção de abordagens, de fontes e de argumentos, os textos publicados em espaços comunicacionais, considerando os sentidos atribuídos à prostituição e ao turismo sexual por cada cultura, podem intensificar ou combater a estigmatização das pessoas envolvidas nestas relações, sejam elas trabalhadoras do sexo ou não.

Tomando a comunicação como uma transação em que o outro está presente simbolicamente desde o início do processo comunicacional, a perspectiva simbólica, proposta por Sádaba (2007), considera que os jornalistas definem o que é notícia baseando-se não apenas em suas estruturas mentais, mas considerando também a sociedade e a cultura em que estão inseridos, a organização em que trabalham e a audiência para quem se dirigem. Assim, os produtos comunicacionais são uma criação social influenciada por distintos fatores, atores e entornos. Buscar entender os enquadramentos supõe, então, que sejam considerados os contextos culturais em que vivem jornalistas e audiência e que não estão expostos explicitamente nos textos. Para Sádaba, ao incorporar a dimensão social em que se dá a transação comunicacional supera-se a ideia de um enquadramento exclusivamente manifesto nos textos e se dá espaço aos significados sociais compartilhados pelos sujeitos em uma determinada cultura, já que é através dos símbolos imersos nas culturas que os sujeitos definem seus modos de agir em relação aos acontecimentos e aos outros.

Assim, a percepção dos enquadramentos sobre o tema publicizados nos periódicos analisados pode possibilitar compreender os sentidos sobre o turismo sexual em disputa no debate público atual. Acreditamos que, em um contexto em que as explicações sobre a prostituição frequentemente são generalizadoras e deixam de lado as especificidades dos sujeitos envolvidos, os enquadramentos sobre o tema do turismo voltado ao mercado do sexo podem refletir na visibilização dos trabalhadores e trabalhadoras do sexo nos meios de comunicação e no consequente posicionamento deles na sociedade.

TURISMO SEXUAL E A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

Durante a preparação do Brasil para sediar a Copa do Mundo, a temática do turismo sexual recebeu espaço nos debates públicos travados sobre as consequências dos mega-eventos esportivos. Alguns grupos feministas e organizações não governamentais manifestaram sua preocupação com o crescimento do turismo sexual durante este período, relacionando muitas vezes a busca de relações sexuais por viajantes com o tráfico de pessoas. Por sua vez, o governo brasileiro se posicionou em mais de uma ocasião contra o turismo sexual. Em 25 de fevereiro de 2014, a presidente Dilma Rousseff publicou em sua conta na rede social Twitter:

O Brasil está feliz em receber turistas que chegarão para a Copa, mas também está pronto para combater o turismo sexual #Copa das Copas. O governo aumentará os esforços na prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes no Carnaval e na Copa das Copas².

No mês de maio, a então ministra da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ideli Salvatti, também ressaltou que a Copa do Mundo da Fifa aumentou a preocupação governamental com o turismo sexual e o trabalho infantil, e estimulou a população a denunciar os casos de exploração sexual de crianças e adolescentes³.

Tais posicionamentos evidenciam a percepção de que o turismo sexual é considerado como sendo exploração sexual de crianças e adolescentes por viajantes estrangeiros. Contudo, embora explorar sexualmente crianças e adolescentes seja caracterizado como crime hediondo no Brasil, o turismo sexual não é um crime, já que envolveria pessoas maiores de 18 anos, sendo uma das partes (o nativo) trabalhador do sexo ou não. É possível pensar, então, que a ideia de turismo sexual como fundamentalmente negativa e relacionada ao tráfico de pessoas e à exploração colaboram para reforçar a estigmatização da prostituição e a defesa da necessidade de sua abolição. Como colocam Beleli e Olivar (2011), há uma tendência a associar a prostituição a práticas e relações que “mancham a imagem do país”, e neste contexto

² Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/brasil-esta-feliz-com-a-chegada-de-turistas-mas-pronto-para-combater-o-turismo-sexual-afirma-dilma/>. Acesso em 12 de janeiro de 2015.

³ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-05/ideli-governo-tera-tolerancia-zero-contrabuso-de-criancas-durante>. Acesso em 13 de janeiro de 2015.

se destaca a presença da criança como personagem principal. É preciso enfatizar que a exploração de crianças e adolescentes deve ser prevenida e combatida, mas a crítica feita pelos autores pretende refletir sobre a utilização das imagens destes sujeitos menores de 18 anos em representações políticas e midiáticas com o objetivo de exibir a prostituição em si como sendo inapropriada.

O turismo sexual também é apontado como um elemento facilitador para que mulheres brasileiras se envolvam com as correntes de tráfico de pessoas, sendo o turista apresentado como um agente que alicia mulheres ingênuas, desconsiderando a diversidade dos sujeitos que visitam o Brasil e buscam contatos sexuais e descartando a possibilidade de agência das mulheres envolvidas nestas relações (SILVA, BLANCHETTE, 2005). A redução do fenômeno do turismo sexual a explicações simplistas, que criminalizam os turistas e vitimizam os brasileiros e brasileiras envolvidos, fomenta a marginalização da prostituição. Tal reducionismo contribui ainda para a estigmatização das migrações que acontecem a partir destes relacionamentos e que, como aponta Piscitelli (2007b), são heterogêneas e nem sempre resultam na inserção das migrantes na indústria do sexo nos países-destino.

É importante observar que, utilizada no debate público, por órgãos governamentais ou mesmo nos espaços midiáticos, a ideia de turismo sexual é limitada ao comportamento do turista homem heterossexual, oriundo dos países do Norte, que busca parceiras sexuais nas cidades costeiras brasileiras, preferencialmente prostitutas (SILVA, BLANCHETTE, 2005). Na produção acadêmica, o termo turismo sexual vem sendo questionado e problematizado por não possuir uma delimitação clara e ser usado de forma reducionista pelo senso comum, já que os deslocamentos em busca de sexo também ocorrem no turismo doméstico e também podem ser realizados por mulheres hetero ou homossexuais (PISCITELLI, 2007b).

Embora o turismo sexual seja um tema ocasionalmente presente nos debates sobre turismo e também nas produções midiáticas, a necessidade de reprimi-lo durante a preparação para a Copa do Mundo da Fifa de 2014 levou a uma ampliação das medidas de controle sobre o grupo dos trabalhadores do sexo. O Observatório da Prostituição, projeto de extensão do Laboratório de Etnografia Metropolitana da UFRJ,

pontua que áreas de prostituição em cidades-sede da Copa foram alvo de diferentes atores sociais, como agentes do Estado e militantes abolicionistas, com o objetivo de conter atividades que consistem em direitos dos cidadãos: o trabalho sexual e, conseqüentemente, o turismo classificado de sexual (OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO, 2014)⁴. No mesmo sentido, a ONG DaVida, uma das principais organizações de prostitutas do Brasil, defende que os ataques ao turismo sexual seguem um pensamento conservador que ameaça o direito de trabalho das prostitutas. De acordo com nota oficial da entidade, o combate ao turismo sexual por parte de órgãos governamentais faz parte do intuito de modificar a identidade sexualizada do Brasil no exterior a partir de uma estratégia de higienização dos corpos⁵.

OS ENQUADRAMENTOS SOBRE O “TURISMO SEXUAL”

Para compreender de que forma a noção de turismo sexual é apresentada nos sites de periódicos com distribuição em algumas cidades-sede da Copa do Mundo FIFA, realizou-se uma busca com os termos “turismo sexual e Copa do Mundo” nos espaços de pesquisa disponibilizados nos sites de O Globo, Folha de São Paulo, Folha de Pernambuco e O Povo. A partir da busca, foram selecionadas 32 matérias que abordam a temática.

Em uma reflexão inicial, salienta-se que na maior parte das matérias – 22 textos – a questão do turismo sexual não se faz presente nos títulos. Contudo, ao anunciarem que os textos discorrem sobre atividades criminosas ou moralmente condenadas, os títulos evidenciam entendimentos de cunho negativo sobre o turismo sexual pelo uso de termos como “exploração”, “abuso”, “prostituição infantil” e “pornografia infantil”. Embora o tema do turismo sexual seja mencionado em apenas 10 títulos, em sete

⁴ Disponível em: <https://observatoriodaprostituicao.wordpress.com/2014/05/28/prostituicao-e-trabalho-e-turismo-sexual-e-legal/> Acesso em 14 de janeiro de 2015.

⁵ Disponível em <http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?edicao=28&coluna=6&reportagem=921&num=1>. Acesso em 19 de janeiro de 2015.

deles é associado a crimes como a exploração sexual de crianças por turistas ou apresentado como algo que deva ser combatido.

O combate à busca de relações sexuais por parte de viajantes está associado à tentativa de modificar a imagem sexualizada e exotizada da população brasileira, que é internacionalmente difundida. Em fevereiro de 2014, o reforço desta representação realizado pela empresa alemã Adidas, ao produzir duas camisas para o mercado estadunidense com referências ao corpo das mulheres brasileiras vestindo biquínis, gerou uma repercussão midiática e uma resposta do governo brasileiro criticando a campanha por seu cunho sexual. A polêmica envolvendo a empresa de produtos esportivos foi abordada por três dos periódicos que fazem parte desta pesquisa. O Globo, Folha de São Paulo e O Povo publicaram matérias que anunciam a decisão da Adidas de retirar as camisas de circulação e informam o posicionamento governamental sobre o caso. Em todos os textos há destaque para posicionamentos de representantes do governo que condenam a associação do Brasil ao turismo sexual ou afirmam que a imagem representada nas camisas faz referência ao abuso, à violência contra a mulher e à exploração sexual. Nas falas das fontes aparece a ideia de que a “apologia” ao turismo sexual presente nas peças de roupa produzidas pela Adidas afronta a imagem do país. Não encontramos, contudo, nenhuma problematização sobre a objetificação das mulheres, sobre a essencialização das brasileiras como hipersexualizadas e sobre a racialização da sexualidade que pode ser frequentemente observada nas buscas e práticas dos viajantes à procura de sexo (PISCITELLI, 2005).

A declaração da presidente Dilma, em resposta à campanha da Adidas, foi alvo de matérias publicadas nos periódicos O Globo, Folha de São Paulo e Folha de Pernambuco. Nestas matérias, é notória a associação entre o turismo sexual e a exploração sexual infantil, como podemos ver no seguinte exemplo:

A presidente Dilma Rousseff usou sua conta no Twitter nesta terça-feira para passar o recado de que seu governo vai combater o turismo sexual durante a Copa do Mundo, em junho e julho. Segundo ela, os turistas que vierem ao país assistir aos jogos serão bem-vindos, mas Dilma incitou a população a denunciar atos de exploração sexual de crianças e adolescentes (ALENCASTRO, C., **O Globo**, 25 fev. 2014).

Dentre as matérias que tratam da “polêmica” com a Adidas e da declaração da presidente Dilma, destaca-se em textos de O Globo e de O Povo a citação de falas do presidente da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), Flávio Dino, em que o turismo sexual é apontado como sendo um crime a ser combatido e denunciado:

Segundo Dino, do ponto de vista quantitativo a modalidade de turismo sexual não é expressivo. "Em 2013 os casos foram muito raros", defendeu, acrescentando que a Embratur parte de denúncias. [...] O presidente reconhece que há uma subnotificação de casos, mas há um trabalho do governo para combater essa associação. "Queremos uma Copa acolhedora, cordial. Sabemos que a maioria dos estrangeiros que nos visita tem um espírito de festa, que faz parte da cultura brasileira. Mas isso não quer dizer que vale tudo", defendeu Dino (AGÊNCIA BRASIL, **O Povo**, 25 fev. 2014).

Embora possa ser considerado moralmente condenável, o turismo sexual, entendido como a procura de relações sexuais por viajantes, não é efetivamente um crime no Brasil. Todavia, nas matérias e nas citações de fontes até aqui analisadas, a busca de quaisquer relações sexuais por turistas, sejam elas com profissionais do sexo ou com outros sujeitos nativos, parece ser criminalizada e igualada à exploração infantil. Nestes textos, também é perceptível o reforço da imagem do Brasil como destino escolhido por pessoas interessadas em manter relações sexuais com menores de 18 anos:

Hoje, o Brasil é conhecido internacionalmente por estar na rota de quem procura fazer sexo com menores de idade. Não será diferente em junho, quando o país receberá um grande fluxo de pessoas. O turista da Copa em geral é um homem jovem. "Ele assiste um jogo e depois pode fazer turismo ou procurar alternativas ilegais", diz July Abe de Lima, assistente técnica da ONG britânica Plan (RIGHETTI, S. **Folha de São Paulo**, 23 fev. 2014).

Enquanto o Brasil se prepara para sediar a Copa do Mundo, na metade do ano, Fortaleza recebe atenção especial por sua reputação como capital do turismo sexual e da exploração sexual de crianças no Brasil. Com a expectativa de receber cerca de seis mil torcedores estrangeiros, e com brasileiros viajando para assistir aos jogos em todo o país, Rodrigues e seus colegas temem uma alta forte no tráfico sexual de menores (GRIFFIN, J. **Folha de São Paulo**, 11 fev. 2014).

Encontramos ainda uma preocupação com o aumento do tráfico de seres humanos, especialmente de crianças, que poderia ser resultado da numerosa vinda de estrangeiros ao país. A partir disso, consideramos notável a existência de um enquadramento jornalístico predominante que toma o conceito de turismo sexual

como sinônimo de exploração. Tal representação reflete a visão apresentada pelos discursos governamentais que, como aponta a pesquisa de Silva e Blanchette (2005), vinculam o fenômeno do turismo sexual ao abuso de menores e à extradição de mulheres para trabalhos sexuais e chegam por vezes a utilizar tais termos como se fossem intercambiáveis. Os pesquisadores refletem sobre como a figura do turista sexual é estereotipada nos discursos que combatem o turismo sexual e o tráfico de mulheres no Brasil, sendo tais sujeitos construídos como predadores e abusadores, mesmo quando o envolvimento se dá com adultas, enquanto as nativas com as quais se relacionam são sempre consideradas vítimas.

O enquadramento do turismo sexual como uma forma de exploração reflete também nas maneiras de representação da prostituição nos espaços jornalísticos em questão. É perceptível que os fenômenos da prostituição, da exploração sexual de crianças e adolescentes, da violência contra as mulheres e do tráfico de pessoas se confundem, sendo a miséria apontada como causa de todos eles. A fusão destas problemáticas como uma única questão faz com que os sujeitos envolvidos sejam considerados como forçosamente vítimas de violência que necessitam de proteção (PISCITELLI, 2007a). Visto que tais noções podem contribuir para modificar ou fortalecer determinadas representações sobre a prostituição, que acreditamos afetar o modo com que trabalhadoras e trabalhadores do sexo são percebidos e se percebem na sociedade, refletimos a seguir sobre os enquadramentos que relacionam turismo e a prostituição.

OS TURISTAS E A PROSTITUIÇÃO

Atualmente, tramita no Congresso Brasileiro o projeto de lei 4.211/2012, de autoria do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), que propõe a regulamentação da prostituição como profissão. Neste projeto e também nas reivindicações da Rede Brasileira de Prostitutas, a prostituição é definida como atividade praticada voluntariamente por pessoas maiores de 18 anos. Assim, busca-se marcar a diferença entre prostituição e exploração sexual, em especial de crianças e adolescentes. Tal

distinção é considerada de extrema importância por entidades que congregam e atendem profissionais do sexo por deixar claro que a prostituição é um trabalho exercido por sujeitos que, por inúmeros motivos, optaram por essa ocupação. Ao pensar na prostituição como possível escolha, contrapõe-se o senso comum que percebe as prostitutas como vítimas ou como “mulheres de vida fácil”. Considerar a prostituição como trabalho exercido por adultos também reforça o distanciamento entre suas atribuições e atividades criminosas.

Em nosso corpus de análise, a questão da prostituição é abordada em 11 matérias. Apesar das tentativas de alguns grupos organizados para reforçar seu caráter laboral, nas matérias podemos observar novamente a não-distinção entre prostituição, turismo sexual e crimes sexuais envolvendo pessoas com menos de 18 anos. Predominam as denúncias sobre os perigos a que estão expostos crianças e adolescentes, bem como informações sobre o aumento ou a diminuição da prostituição durante o decorrer do evento:

Além da bola rolando em campo, as cidades-sede da Copa do Mundo estão assistindo a uma outra disputa: a de prostitutas por clientes estrangeiros. O assédio de garotas de programa a visitantes aumentou durante o Mundial, e tradicionais pontos de encontro estão recebendo novas levas de jovens que trabalham no mercado do sexo. [...]

O Instituto Brasileiro de Turismo informou, em nota, que não tem uma campanha específica contra a prática da prostituição durante o Mundial, mas repudia e, efetivamente, adota critérios, como não sensualizar as personagens das peças publicitárias, para não vincular a imagem do Brasil à de um destino para o turismo sexual (GRANDELLE, R.; MAGALHÃES, L.; BRÍGIDO, C. **O Globo**, 17 jun 2014).

Apesar de as autoridades terem lançado um plano conjunto, com 700 pessoas envolvidas, plantão 24 horas e campanha publicitária, Fortaleza vive com o Mundial um "boom" do turismo sexual (KACHANI, M., **Folha de São Paulo**, 18 jun 2014).

Dentre as matérias selecionadas, somente em duas é observada a distinção entre prostituição e exploração de crianças e adolescentes. Em matéria publicada pelo jornal O Povo comentando reportagem veiculada pela rede estadunidense de notícias CNN sobre o “turismo sexual voltado para a exploração de crianças e adolescentes em Fortaleza”, afirma-se que o governo busca diminuir a prática do turismo sexual com menores de idade, já que a prostituição de adultos é legalizada no Brasil (O POVO ONLINE, 02 de abril de 2014). Por sua vez, matéria publicada pelo O Globo aponta a

confusão conceitual existente entre prostituição, exploração, turismo sexual e tráfico de pessoas. A matéria dá espaço para que trabalhadoras do sexo se manifestem sobre o turismo sexual e a prostituição durante a Copa do Mundo Fifa. Na fala da prostituta e militante Indianara Siqueira, o turista é considerado um cliente:

— A sociedade confunde turismo sexual e exploração sexual. As pessoas têm aquela imagem de que o turista sexual é um predador de crianças, mas não é assim. O turista sexual é um cliente de prostituição. Mas se há menores envolvidos, isso não é prostituição infantil, como se diz por aí. Não existe prostituição infantil, o que existe é exploração sexual de menores. Como toda exploração, em qualquer trabalho, tem que ser punida. Esse desentendimento faz com que a prostituição acabe criminalizada como um todo — queixa-se Indianara (MALKES, R. **O Globo**, 01 jul. 2014).

Nesta mesma matéria, aparecem como fontes a prostituta Giovana, também apresentada como doutoranda, e a antropóloga Soraya Simões, coordenadora do Observatório da Prostituição do Laboratório de Etnografia Metropolitana da UFRJ, que critica o pânico moral criado em torno do aumento do turismo sexual durante a Copa do Mundo. Embora no texto sejam utilizados termos questionados pelo movimento organizado de prostitutas, como “vender o corpo”, a prostituição é mostrada como uma atividade legalizada, tanto na fala das fontes quanto no texto da jornalista Renata Malkes. Nas demais matérias analisadas para este artigo, não encontramos distinção entre a prostituição adulta e a exploração sexual de crianças. Em especial em matérias publicadas no site da Folha de São Paulo, mulheres adultas e adolescentes são igualmente vitimizadas e sua participação no universo da prostituição e do turismo sexual é diretamente ligada à miséria.

Em alguns textos observa-se ainda o enquadramento de que brasileiras envolvem-se no fenômeno do turismo sexual como tentativa de mudança de vida, já que um relacionamento amoroso com viajantes estrangeiros poderia significar a mobilidade para outros países, especialmente para a Europa. Tal ideia aparece na fala de prostitutas adultas, mas também é apontada como um motivo que leva famílias pobres a incentivar que adolescentes procurem relacionar-se com turistas.

Como no futebol, a esperança de parte das prostitutas é conseguir casar com um europeu e viajar apenas de ida para o primeiro mundo. Quando conhecem um europeu, são bem simpáticas e tentam passar o dia seguinte com o homem, passeando por pontos turísticos e frequentando

churrascarias. É o que explicou a moradora da Baixada Carla, 33, que usava um vestido de renda preto "É nesse tipo de programa que temos a chance de fazer o cara se apaixonar pela gente" (VETORAZZO, L., **Folha de São Paulo**, 24 jun. 2014).

"Os pais até incentivam na esperança de que a menina encontre um 'príncipe' e a leve para o exterior" (RIGHETTI, S. **Folha de São Paulo**, 23 fev. 2014).

A realização de programas com estrangeiros é apontada como uma forma de "sair" da prostituição ao iniciar uma trajetória no exterior. Com frequência, os discursos governamentais, midiáticos e de ONGs avaliam a saída de profissionais do sexo do Brasil como resultado unicamente de redes envolvidas com o tráfico internacional de pessoas, e assim o contato com viajantes que buscam relações sexuais é considerado como uma situação de risco para os nativos. Os posicionamentos anti-tráfico por vezes acabam desconsiderando as vontades e a capacidade de agência das mulheres envolvidas nestas relações, visto que muitas possuem projetos e aspirações de migração. As citações das fontes utilizadas em algumas matérias corroboram as reflexões de Silva e Blanchette (2007), que apontam que as mulheres participantes de sua pesquisa controlam suas representações e por vezes utilizam estratégias para construir relações com estrangeiros na busca por uma ascensão social.

Por fim, como Reese (2009) defende que a reflexão sobre os enquadramentos está relacionada ao modo como a cultura e os interesses, os comunicadores e as fontes são utilizados para construir formas coerentes de compreensão do mundo que são socialmente compartilhadas, acreditamos que a construção dos significados sobre o turismo sexual envolva também a seleção de fontes e os recortes de suas falas. Assim, ao buscar identificar as fontes consideradas adequadas para tratar do assunto nas matérias que fazem parte da presente análise, encontramos opiniões atribuídas a distintos atores sociais: a presidente Dilma, ministros de Estado, representantes de órgãos e entidades governamentais, forças policiais, políticos, religiosos, ativistas e representantes de organizações não-governamentais, empresários e trabalhadores da área do turismo, pesquisadores, promotores de justiça, um jogador de futebol.

Por sua vez, há oito trabalhadoras do sexo utilizadas como fontes em quatro matérias, duas publicadas no site de O Globo e duas no site da Folha de São Paulo.

Como mostram algumas citações acima expostas, suas falas têm como tema a procura de serviços sexuais pelos turistas, as expectativas sobre uma possível migração, os rendimentos obtidos na prostituição e, no caso de Indianara, a crítica à criminalização do turismo sexual. A Folha também utiliza as falas de oito adolescentes que participam ou desejam participar do mercado que o turismo sexual fomenta em uma matéria que tematiza a chegada de “prostitutas adolescentes” às sedes da Copa do Mundo Fifa. As falas destes entrevistados variam entre a afirmação da “prostituição⁶” como uma necessidade, seja pela miséria extrema ou pelo vício em drogas, e entre as expectativas de ganhos significativos com a chegada dos turistas.

Embora a vinda de turistas ao Brasil por ocasião do evento futebolístico seja o tema de muitas das matérias, tais viajantes pouco aparecem nos textos, seja para corroborar a representação de exploradores construída, seja para apresentar outra visão sobre seus envolvimento com brasileiras e brasileiros. Somente a Folha de São Paulo apresenta uma declaração de um turista de Los Angeles em que ele comenta que as mulheres brasileiras são mais abertas e carinhosas, enquanto as dos Estados Unidos e Europa “são mais profissionais e proporcionam um sexo sem graça” (VETORAZZO, L., 24 jun. 2014). É provável que a representação estigmatizada existente na sociedade sobre estes sujeitos torne mais difícil aos repórteres conseguir que participem como fontes. Contudo, para além da prostituta Indianara Siqueira e da antropóloga Soraya Simões, não encontramos declarações que possam contrapor o enquadramento do turista sexual como explorador. Tampouco há menções a que essa modalidade de turismo possa ser realizada também por mulheres, independentemente de sua orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES

Embora outros aspectos ainda pudessem ser observados nas matérias selecionadas para análise, é nítida a existência de um enquadramento principal que

⁶ Utilizo “prostituição” entre aspas porque o movimento organizado de prostitutas e entidades que com ele atuam esforçam-se para separar a prostituição da exploração sexual. Nesta perspectiva, quando há crianças e adolescentes envolvidos não há prostituição, e sim exploração destes sujeitos.

constrói ou evidencia o turismo sexual como sendo a busca por relações sexuais com crianças e adolescentes brasileiros. O turismo sexual é confundido com “prostituição infantil” e, assim sendo, é associado à exploração sexual, e, em alguns exemplos, à violência e ao tráfico de seres humanos. Os sujeitos que visitam o Brasil em busca de contatos sexuais são representados de forma homogênea como homens abusadores que se aproveitam da ingenuidade ou da situação de pobreza das brasileiras. Todos os casos envolvendo o turismo sexual parecem ser tratados da mesma maneira, independentemente do fato de envolverem crianças e adolescentes, o que constituiria exploração, ou pessoas adultas, profissionais do sexo ou não, que demonstram interesses variados nestes relacionamentos.

O presente artigo não possui a intenção de negar a existência de relações exploratórias e abusivas entre turistas e crianças e adolescentes, que existem em nosso país e devem ser combatidas. Além disso, acreditamos que o enfoque sobre a questão do turismo sexual nos meios de comunicação exige que sejam consideradas as desigualdades existentes nessas relações a partir das questões de gênero, etnia e classe social. Entretanto, a representação homogênea do turismo sexual apresentada nas matérias analisadas simplifica relações complexas ao construir um discurso estereotipado que, como apontam Silva e Blanchette (2005), posiciona a mulher brasileira no papel de vítima e o homem estrangeiro no papel de vitimizador, desconsiderando os diferentes matizes existentes nos relacionamentos que se dão no âmbito do turismo sexual.

Retomando Martín-Barbero (2002) para pensar que as práticas de comunicação ultrapassam as barreiras do que é produzido e colocado em circulação pelos meios de comunicação e que se articulam a outros espaços sociais em que os sujeitos as replicam ou a elas resistem, e observando que a perspectiva simbólica da teoria do enquadramento considera o contexto cultural e social em que estão inseridos os textos produzidos, parece-nos que a vitimização de todas as nativas participantes do fenômeno do turismo sexual contribui para reforçar a estigmatização das trabalhadoras e dos trabalhadores do sexo já que, a partir dos argumentos de exploração, violência e miséria a possibilidade de que as prostitutas possam ser

racionais, pragmáticas e autônomas é desacreditada (AGUSTÍN, 2013). Mesmo nas ocasiões em que são utilizadas como fontes, tais mulheres aparecem em uma posição vulnerável em que suas opções não são reconhecidas como tal (JULIANO, 2002). Assim, acredita-se que um tema que envolve distintos atores sociais e que pode ser debatido a partir de diversos argumentos mereça ser tratado de forma mais aprofundada nos espaços comunicacionais brasileiros, problematizando a visão dicotômica que divide os envolvidos entre exploradores e explorados e que, por isso, contribui para a marginalização dos profissionais do sexo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. (25 fev. 2014). *O Povo*. <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2014/02/25/noticiasbrasil,3212183/caso-adidas-e-o-segundo-em-dez-dias-que-relaciona-o-brasil-ao-turismo-sexual.shtml>.

AGÊNCIA BRASIL. (25 fev. 2014). *Diário de Pernambuco*. http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2014/02/25/interna_politica,491266/dilma-diz-que-brasil-esta-pronto-para-combater-o-turismo-sexual-durante-a-copa.shtml.

AGUSTÍN, Laura. (18 ago. 2013). The sex work stigma: how the Law perpetuates our hatred (and fear) of prostitutes. *Salon*. http://www.salon.com/2013/08/17/the_whore_stigma_how_the_law_perpetuates_our_hatred_and_fear_of_prostitutes_partner/.

ALENCASTRO, C. (25 fev. 2014). *O Globo*. <http://oglobo.globo.com/esportes/dilma-diz-que-governo-combatera-turismo-sexual-na-copa-11707516>.

BELELI, Iara; OLIVAR, José Miguel. (2011). Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira. In: *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, edited by Adriana Piscitelli, Gláucia Assis and José Miguel Olivar. Campinas: Unicamp.

COSTA, Fernando Braga da. (2004). *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

GRANDELLE, R.; MAGALHÃES, L.; BRÍGIDO, C. (17 jun. 2014). *O Globo*. <http://oglobo.globo.com/brasil/oferta-de-turismo-sexual-aumenta-nas-cidades-sede-do-mundial-12889679>.

GRIFFIN, J. (11 fev. 2014). *Folha de São Paulo/The Observer*.

JULIANO, Dolores. (2002). *La prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icaria.

KACHANI, M. (18 jun 2014). *Folha de São Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1472161-apesar-de-acoes-policiais-prostituicao-cresce-disfarcada-em-fortaleza.shtml>.

MALKES, R. (01 jul. 2014). *O Globo*. <http://oglobo.globo.com/brasil/pesquisadores-entram-em-campo-para-provar-que-nao-ha-aumento-da-prostituicao-na-copa-13089103>.

MARTIN-BARBERO, Jesús. (2002). *Ofício de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. México, D.F: Fondo de Cultura Económica.

O POVO ONLINE. (02 abr. 2014). *O Povo*. <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2014/04/02/noticiasbrasil,3230276/rede-cnn-comenta-situacao-da-exploracao-sexual-infantil-em-fortaleza.shtml>.

PISCITELLI, Adriana. (2005). Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, n. 25, pp. 281-326.

_____. (2007a). Brasileiras na indústria transnacional do sexo. *Nuevo mundo, mundos nuevos*, v.7.

_____. (2007b). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. *Estudos Feministas*. Florianópolis: 15 (3): 336, pp. 717-744.

SÁDABA, Teresa. (2007). *Framing: el encuadre de las noticias – el binomio terrorismo-medios*. Buenos Aires: La crujía.

SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus. (2005). “Nossa senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, n. 25, pp. 249-280.

REESE, Steven. (2001). Prologue – Framing Public Life: A Bridging Model for Media Research. In: *Framing Public Life: perspectives on media and our understanding of the social world*, edited by Steven Reese, Oscar Gandy Jr. and August Grant. Nova Iorque: Routledge.

RIGHETTI, S. (23 fev. 2014). *Folha de São Paulo*.
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1416550-ong-tenta-coibir-turismo-sexual-com-criancas.shtml>.

TANKARD, James W. (2001). The empirical approach to the study of Media Framing. . In: *Framing Public Life: perspectives on media and our understanding of the social world*, edited by Steven Reese, Oscar Gandy Jr. and August Grant. Nova Iorque: Routledge.

UZÊDA, A.; CARVALHO, D.; REIS, L. (01 jun. 2014). *Folha de São Paulo*.
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1463271-sedes-atraem-prostitutas-adolescentes.shtml>.

VETORAZZO, L. (24 jun. 2014). *Folha de São Paulo*, 24 jun. 2014.
<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1475199-invasao-latina-frustra-planos-de-prostitutas-no-rio.shtml>.

SOBRE A AUTORA: Doutoranda em Ciências da Comunicação, com período sanduíche no Instituto de Comunicació da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB); mestra em Comunicação e Informação (UFRGS); jornalista. Tem como principais interesses de pesquisa a relação entre a comunicação e a cidadania de grupos minoritários, refletindo especialmente sobre problemáticas de gênero. Email: natalia.alles@gmail.com